

Impressões sobre o Porto

Maria Zaclis Veiga FERREIRA¹

Resumo

Utilizando alguns preceitos sobre a fotografia como forma de contextualização do tema, o presente artigo trata da imagem fotográfica enquanto representação e pretende provocar reflexões sobre o imaginário simbólico apresentado em fotografias feitas por jovens brasileiros, estudantes de jornalismo, sobre a cidade do Porto, em Portugal. As imagens que retratam o Porto quanto as suas características físicas, sociais e étnicas, são o resultado de um projeto entre a Universidade Positivo do Brasil e a Universidade Fernando Pessoa, de Portugal.

Palavras-chave: fotografia; jornalismo; cidade.

Introdução

A fotografia, desde seu surgimento, tem sido considerada a representação (recorte) da realidade, do fato. O “isso foi”, definido por Barthes (1984) como o noema da fotografia, empresta a ela um caráter de realidade e credibilidade que se amplia pela presença do fotógrafo/ testemunha.

Registro repleto de significações e com uma linguagem própria, a fotografia apresenta em sua estrutura, entre outras coisas, aspectos do imaginário simbólico daquele que fotografa.

Boris Kossoy afirma que “o processo de criação do fotógrafo engloba a aventura estética, cultural e técnica que irá originar a representação fotográfica, tornar material a imagem fugaz das coisas do mundo, torná-la, enfim um documento.” (1999 p.26)

No mundo-imagem (SONTAG, 2004) que promete sobreviver a todos nós, o registro das cidades adquire contornos maiores do que os de interesse estético a partir do momento em que as complexidades da vida em sociedade passam a ser observadas e apreendidas pela fotografia.

¹Maria Zaclis Veiga Ferreira. Jornalista. Mestre em Multimeios pela UNICAMP. Doutoranda em comunicação pela UTAD – Portugal. Fotógrafa. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Membro do Conselho de Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Vice-presidente do Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná.

Ao refletir sobre o processo de criação do fotógrafo Kossoy discorre que “na imagem fotográfica encontram-se indissociavelmente incorporados, componentes de ordem material que são os técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de ordem imaterial, que são os mentais e culturais.” (1999 p.27)

Dessa forma os componentes de ordem imaterial são aqueles que, mesmo quando determinados pelas circunstâncias que levam o fotógrafo a fazer o registro, sejam elas de trabalho, pesquisa e ou lazer, se sobrepõem aos técnicos por congregarem em sua essência as relações do fotógrafo com seu universo e repertório particulares.

Ao fotografar a cidade considerando essas questões, as imagens passam a agregar valores estéticos e sociais que não estão sós. Mais do que uma arquitetura, a cidade é o depósito das características predominantes do seu entorno e quando sujeita a uma diversidade de olhares pode sugerir ricas interpretações, carregadas de elementos simbólicos.

Para refletir sobre o imaginário simbólico que perpassa o material produzido pelos alunos, a partir da concepção, captação e edição das imagens fotográficas é necessário contextualizar o tema e estabelecer algumas linhas de pensamento que servirão como auxiliares na leitura das pranchas fotográficas que compõem este trabalho.

O projeto (re) Conhecer a cidade

Quinze alunos do Centro Universitário Positivo, participaram em julho de 2006, do projeto de extensão (Re)Conhecer a Cidade, do qual resultou um registro fotográfico da cidade do Porto - Portugal, quanto a suas características físicas, sociais e étnicas.

Os objetivos do projeto, contemplados por meio de captação fotográfica, estudo do ambiente a ser fotografado, edições coletivas e discussões sobre o fotojornalismo e suas características, foram: proporcionar ao aluno de jornalismo a compreensão dos diferentes olhares sobre um objeto ou fato fotografado; comparar as imagens coletadas com uma mesma intenção; promover a discussão sobre as semelhanças e diferenças entre Brasil e Portugal e ampliar o conhecimento dos aspectos técnicos, lingüísticos, de edição e de crítica de fotografia.

Todos os alunos tinham experiência fotográfica adquirida na disciplina de fotojornalismo, ministrada no primeiro ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Ao se inscrever para participar do projeto cada um deles apresentou um

pequeno portfólio com suas imagens. Além disso, antes da fase de captura foram lembrados alguns aspectos importantes da fotografia jornalística enquanto linguagem e técnica.

O projeto foi dividido em quatro fases: na primeira os alunos entraram em contato com um roteiro de intenções que permitiu um sentido de organização para que o registro fotográfico acontecesse sem interferência diretiva dos professores e sem retirar a liberdade em uma construção narrativa coerente já que “(...) a busca excessiva por uma intenção (já na concepção do tema) pode deixar a fotografia inexpressiva - ou por aprisioná-la em um recorte anteriormente identificado e marcado, ou por determinar um distanciamento tal, que as informações se perdem por conta do isolamento do fotógrafo.” (VEIGA, 2006) O roteiro de intenções, portanto, teve como temas a distribuição e uso dos espaços públicos, as características arquitetônicas e étnicas de Porto e singularidades da cidade e da população.

Na fase seguinte, já em Portugal, os alunos entraram em contato com as características da cidade e do país. Durante as manhãs, de segunda a sexta-feira, receberam três horas/aula abrangendo os seguintes tópicos: história de Portugal e Porto, panorama do jornalismo e da fotografia na Europa e em Portugal e panorama do *design* gráfico de periódicos na Europa. Paralelamente, durante as tardes e noites, aconteceu a terceira fase, na qual os estudantes tiveram atividades turístico-culturais, conforme roteiro indicado pela universidade acolhedora e realizaram fotografias.

Na quarta fase as fotografias foram selecionadas em grupo, passando por um processo coletivo de edição, no qual foram discutidos a técnica e o conteúdo fotográficos. As imagens coletadas foram comparadas e analisadas quanto aos aspectos de percepção do valor potencial – no sentido de harmonia e singularidade que passam despercebidos nas atividades cotidianas. De todo o material, 60 fotografias foram selecionadas e expostas em Curitiba.

Interpretando as imagens

As dezesseis fotografias selecionadas foram classificadas conforme o protocolo de intenções do projeto para serem analisadas neste artigo. Foram escolhidas aquelas que apresentavam elementos recorrentes no material bruto dos alunos, dentro dos quatro temas propostos no projeto.

A estrutura verbo-visual deste artigo se apóia no método de BATESON e MEAD pela necessidade de organizar um material muito amplo. O método é utilizado

como forma de estruturar o material, mas não é utilizado em toda a sua amplitude, por dois motivos: este artigo se refere à fotografia enquanto representação e não ao estudo da antropologia visual e porque não há a intenção de analisar as características que conjugam texto e imagem.

As 16 fotografias aqui analisadas fazem parte de um acervo de 45 fotografias e foram distribuídas em 4 pranchas temáticas que apresentam as concepções visuais sobre cada um dos temas: distribuição e uso dos espaços públicos; características arquitetônicas; características étnicas; singularidades da cidade e da população.

As fotografias foram analisadas no âmbito da relação do fotógrafo com os elementos simbólicos presentes na construção da narrativa fotográfica, considerando a intencionalidade envolvida na produção.

Dessa forma as imagens são lidas a partir de um olhar analítico, que considera o caráter técnico da fotografia e soma a ele as características do perceber, ver e expressar dos alunos.

Mas quem são esses alunos? Como estão inseridos no universo da imagem? Nascidos nos anos 80 cresceram tendo como pano de fundo a imagem. Quando questionados sobre as lembranças de infância, todos responderam por meio de narrativas imagéticas e estruturas de composição. Outro fator a ser considerado é o de que os alunos são oriundos de famílias de classe alta, que pôde lhes proporcionar uma viagem internacional.

Prancha 1 - distribuição e uso dos espaços públicos

As fotografias apresentadas nesta prancha são um relato daquilo que causou estranheza: a presença de pessoas estudando no parque, conversando tranquilamente em bancos públicos, senhores jogando nas praças, pessoas deitadas na grama.

Para observar este material deve ser considerado que a questão da violência, registrada sobretudo nas cidades, cria no Brasil uma permanente sensação de insegurança que impede a liberdade do uso dos espaços públicos como praças e logradouros.

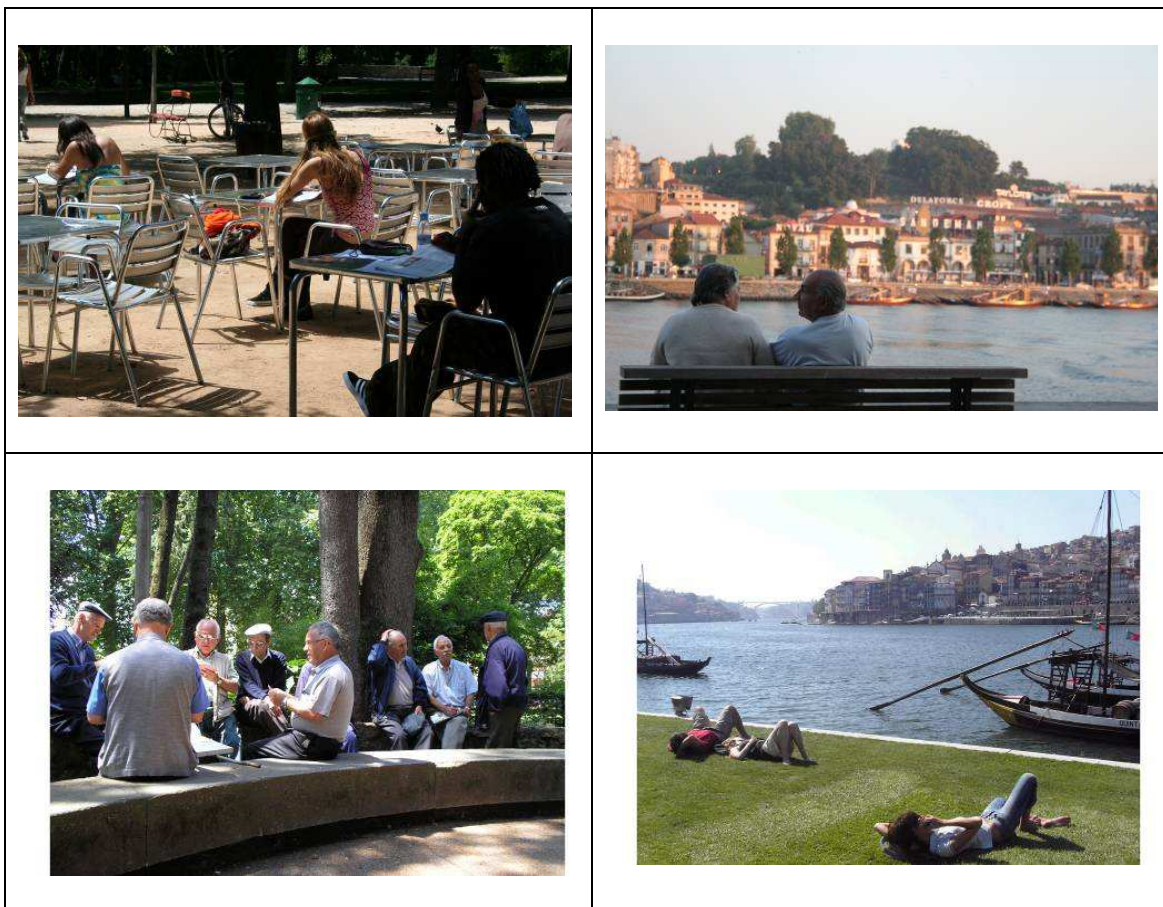
Na primeira foto, feita nos jardins do Palácio de Cristal, três estudantes estão debruçados sobre livros. O ambiente parece lhes fornecer segurança e tranquilidade suficientes para o estudo.

A segunda imagem apresenta uma cena bastante comum na cidade: pessoas sentadas tranquilamente em momento de conversa, ao final da tarde, em um flamar despretensioso.

A foto seguinte, registrada na praça em frente à Universidade Fernando Pessoa, mostra vários idosos jogando cartas. Há nesta cena uma impressão de alegria e sensação de “boa vida” dos idosos. Todos estão bem vestidos (até parecem uniformizados) e com aparência saudável.

A última cena da prancha foi a que mais causou estranheza. As pessoas deitadas na grama das praças públicas, a tomar sol não é, definitivamente, algo que acontece no Brasil. Em Curitiba, especificamente, praças são, em sua maioria, ambientes muitas vezes hostis, habitados por desocupados e prostitutas.

Prancha 1



Prancha 2 – características arquitetônicas

O material arquitetônico foi o mais rico em termos de composição, embora muitas das imagens tenham sido dos mesmos ambientes e espaços. A ponte Luiz I foi a mais fotografada, seguida do conjunto de prédios da Ribeira. Os prédios antigos chamaram muito a atenção dos alunos, principalmente daqueles que não tinham visitado a Europa antes – importante lembrar que em Curitiba os prédios mais antigos são do século XVIII.

O elemento arquitetônico que mais apareceu nas fotografias foi o azulejo português.

Aqui se percebe uma lógica parecida com a do olhar do turista, embora tenha sido deixado claro que deveriam ser buscadas características arquitetônicas.

As fotos desta prancha podem ser observadas em conjunto, uma vez que os discursos são muito parecidos, à exceção da segunda foto que mostra duas senhoras conversando através da sacada. O grupo percebeu que as sacadas são elementos bastante importantes no cotidiano português. São nelas que se estendem as roupas, a partir delas se observa a cidade e se dialoga. Todas as fotos foram feitas no mês de julho de 2006, época da Copa do Mundo e uma nova característica apontava nas janelas portuguesas que eram enfeitadas pelas bandeiras e cores do país.

A primeira fotografia mostra a ponte Luiz I. É uma obra majestosa e foi registrada de um ângulo que destaca sua importância.

A terceira foto foi feita de dentro do Canal da Música. O recorte potencializa o estilo arquitetônico do comércio.

Embora os azulejos tenham sido fotografados em outros ambientes como o da fachada da Capela das Almas, os registrados na última foto estão em uma casa comum, em uma rua qualquer. O detalhe do azulejo em uma casa comum reforça o elemento como objeto da cultura portuguesa.

Prancha 2



Prancha 3 – características étnicas

Essa foi a categoria mais complexa para os estudantes. Em seus relatos anteriores durante as discussões sobre as fotografias feitas, eles afirmavam saber que existiam elementos diferenciadores do povo português, mas não conseguiam descrevê-los. Dessa maneira, os elementos recorrentes na categoria foram os retratos que acentuam traços físicos e o vestuário, principalmente os lenços e as saias com meias curtas, usadas pelas mulheres mais velhas.

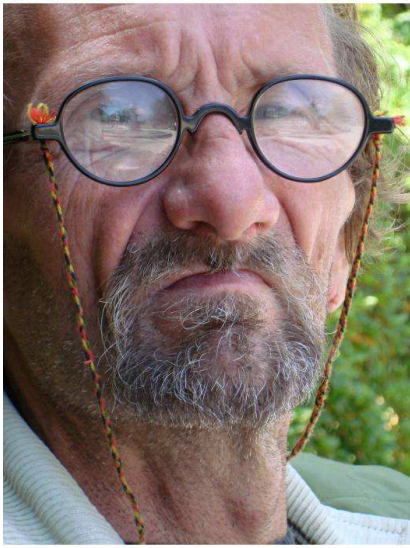
Os retratos são interessantes porque não há relutância diante do olhar indiscreto do fotógrafo. A população se deixa fotografar, interage. Talvez pela própria facilidade que os jovens brasileiros possuem de interagir com desconhecidos, o famoso “puxar papo”.

O estrabismo do senhor da primeira foto, gera incerteza quanto ao lugar para onde ele dirige o olhar. O olho esquerdo denuncia: olha para a câmera. Esse é o mesmo ponto ao qual se dirige o olhar da mulher da segunda foto, que se inclina para a câmera. Ambas as fotos foram feitas com uma grande aproximação dos fotografados.

As duas últimas fotos mostram características do vestuário. Na foto da esquerda a senhora faz parte de uma composição na qual se misturam características da arquitetura, como as cores amarela e vermelha das paredes e as ruas estreitas. Nela também aparecem os varais.

Na última foto da prancha, a mulher caminha pela Avenida do Brasil e carrega um cesto sobre a cabeça. É um dia comum. A roupa é traje do dia-a-dia.

Prancha 3



Prancha 4 – singularidades da cidade e da população

Como singularidades os alunos elegeram o alto número de idosos e poucas crianças, as roupas nas janelas, a mistura entre o antigo e o moderno e expressões lingüísticas.

A primeira foto mostra um senhor que encara a câmera e exhibe seus pertences, entre eles um carro antigo, com cuidados de colecionador. Diferente da maioria dos velhos brasileiros, o velho português possui boas condições de vida e aparece altivo. Carrega em si dignidade.

As roupas nos varais foram bastante fotografadas. A foto escolhida foi feita através do vidro de uma janela do Centro Português de Fotografia. O vidro, no caso, pode parecer aquilo que protege o fotógrafo de um costume que causa estranheza e certo pudor. Além de ser algo curioso, a roupa estendida é uma extensão da intimidade. Varais anunciam o número de pessoas que moram na residência, para quem torcem, de que vivem.

A terceira composição apresenta a mistura do antigo e do novo. O modelo no outdoor a sondar o fotógrafo por trás do prédio antigo pode ser o anúncio da modernidade encontrada na cidade. Essa modernidade foi retratada também em outros locais como o metrô e a casa da música.

Na última há uma placa de trânsito, na qual se lê zona em primeiro plano e uma manequim pendurada em uma sacada ao fundo. A junção dos dois elementos se deve ao fato de que “zona” significa, no português brasileiro, local de meretrício. A manequim na sacada é um elemento que reforça este discurso. Nesta foto também há a presença dos azulejos.

Prancha 4



Considerações finais

A análise das fotos, ao passar por um processo tão subjetivo quanto o da produção das mesmas, aponta para a possibilidade de muitas interpretações.

As reflexões deste artigo, portanto, são fruto de um estudo que, embora parcial, buscou compreender o processo simbólico que envolveu a captura de imagens sobre a cidade do Porto.

Enquanto fotografavam, os alunos foram eliminando, aos poucos, as fronteiras da inibição e se aproximando mais das pessoas, intervindo no ambiente. Parece haver uma busca por uma conexão geográfica, sentimental e histórica que transforma a fotografia em mediadora da memória, em espaço de reconhecimento.

Conhecer a população portuguesa passa, então, a ser reconhecer-se, seja pela identificação, seja pela falta dela.

Ao fotografar/observar, dá-se o direito de expressar, reconhecer uma identidade plural. As formas de enunciação se apresentam híbridas. Há matrizes gestuais, cenográficas e culturais.

Diferente das gerações anteriores, embaladas pelos sonhos de liberdade, herdados de 68, os nascidos em 80 não têm bandeira. E a falta do que hastear se reflete nas imagens, pois não há construção de um discurso lógico.

Embora conduzidos por uma estrutura que tentou dar um certo sentido de organização, o resultado se apresentou como um conjunto de fragmentos, uma bricolage.

Isso não diminui ou desvaloriza o conjunto, mas o valoriza na medida em que percebemos como uma representação conjunta de jovens estudantes que procuram descobrir réstias identificadoras da identidade brasileira refletidas nas cenas oferecidas pela cidade do Porto.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1984.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VEIGA, M. Z. **Fotografia, ensino e celulares.** In: CASTRO, A; LIMA, M.; BARREIROS, T. (orgs.). **Jornalismo – reflexões, experiências, ensino.** Curitiba: Pós-Escrito, 2006